
terra roxa

e outras terras

Revista de Estudos Literários

DE CONAN DOYLE A MÁRCIO SOUZA: A AMAZÔNIA FICCIONALIZADA EM O MUNDO PERDIDO E O FIM DO TERCEIRO MUNDO

Márcia Letícia Gomes (FURG)
e Tomás Mendes da Silva (FURG)
marcialeticia200@hotmail.com

RESUMO: *O Fim do Terceiro Mundo*, obra do amazonense Márcio Souza, cria um ambiente metafictional em que aborda a Amazônia e como vem sendo retratada na literatura. O narrador/autor explica que, ao ser entrevistado, contou a um jornalista que estava escrevendo a continuação do livro *O Mundo Perdido*, de Conan Doyle e que, após tal declaração, se sentiu na obrigação de escrever o livro. Percebem-se, na narrativa, além do enredo ficcional, diversas reflexões a respeito do processo de escritura, da convivência com as personagens, da organização do enredo, do diálogo entre diferentes textos.

PALAVRAS-CHAVE: *O mundo perdido*; *O fim do terceiro mundo*; Metaficção; Intertextualidade.

INTRODUÇÃO

O mote para a escrita de *O Fim do Terceiro Mundo*, publicado em 1989 pelo escritor amazonense Márcio Souza, é a obra *O Mundo Perdido*, do inglês Conan Doyle, publicada em 1912. Já no início do romance há uma advertência de que seria a continuação do romance inglês. Assim como em outros de seus romances, a exemplo de *Galvez*, *Imperador do Acre* e *Desordem*, há uma pequena narrativa explicativa antes da narrativa principal, aqui, é a entrevista concedida pelo autor/narrador a um jornalista que lhe pergunta a respeito de qual seria seu próximo livro, ao que Souza, sem ter o que responder, afirma estar escrevendo a continuação do livro de Conan Doyle, ambientado na Amazônia. Tendo o escritor inglês construído uma narrativa calcada nos relatos fantasiosos e exagerados sobre a Amazônia, entende-se, desde o início de *O Fim do Terceiro Mundo*, que este fará uma espécie de contra-discurso, tratando de uma Amazônia mais real e seus problemas.

O recurso empregado pelo autor/narrador ao localizar a escrita daquele texto ficcional a partir de uma entrevista concedida a um jornalista tem uma extensão metaficcional capaz de fazer com que o leitor reflita sobre o processo de escrita, suas motivações, seus estímulos.

1 ENTRE TEXTOS: O MUNDO PERDIDO E O FIM DO TERCEIRO MUNDO

O Mundo Perdido é obra de ficção que explora o imaginário que se criou sobre a Amazônia ser um lugar inóspito, no entanto, cheio de tesouros botânicos, minerais e da fauna, o que lhe valeu a alcunha de “inferno verde”, “eldorado”, “mundo perdido” dentre outras.

Os relatos de viagem, produzidos por exploradores que estiveram naquelas terras, e que foram analisados por Mary-Louise Pratt em *Os Olhos do Império* (1999) ganham eco na narrativa ficcional de Conan Doyle em que dois estudiosos de zoologia, um jornalista e um esportista aposentado se aventuram na Amazônia e se deparam com os mais esdrúxulos desafios, a exemplo de transpor a mata fechada; lidar com o difícil acesso aos lugares, de modo que o grupo têm de improvisar pontes, mudar diversas vezes o acampamento, fugir de toda espécie de perigo; presença de animais selvagens e mesmo pterodáctilos e iguanodontes; armadilhas feitas por índios e homens-macaco: “Era, como já disse, um poço, com paredes fortemente inclinadas e um fundo de chão nivelado, de uns seis metros de diâmetro. Este fundo encontrava-se coberto de grandes nacos de carne os quais, na sua maior parte, estavam já no último grau de apodrecimento” (Doyle 1987: 202).

O cronista é o senhor Malone, jornalista que, por amor a Gladys, moça que apreciava homens aventureiros, se voluntaria para acompanhar os professores Challenger e Summerlee na expedição pela Amazônia para resolver uma contenda entre os dois estudiosos. Summerlee não acreditava nas descobertas feitas por Challenger anteriormente naquele local e, por isso, seguem juntamente com Lorde Roxton e o jornalista para tirar a prova.

A todo tempo Malone os retrata como heróis, como aqueles que vão desvendar e mostrar ao mundo aquele *mundo perdido* e, por isso, dispostos a enfrentar toda sorte de perigos, uma estratégia discursiva recorrentemente utilizada nos relatos de viagem. Um exemplo: “Pensei que seria o nosso fim; mas, ao invés disso, o caso impressionou os selvagens, sugerindo-lhes novo rumo” (Doyle 1987: 214).

Em outro momento:

Homem louco que eu fora, por ter hesitado tão longo tempo, antes de me pôr a correr! Até então, o monstro me havia perseguido pelo faro; e seus movimentos tinham sido vagarosos. Mas ele me havia visto, no momento em que eu começara a correr. Dali para diante, ele me havia perseguido tendo-me à vista, porquanto a trilha lhe indicava para onde eu tinha ido. Agora, quando ele

surgiu depois de fazer a curva, passava a mover-se a grandes pulos. A luz do luar brilhava nos seus enormes olhos salientes; na fileira de seus dentes enormes, dentro da boca aberta; e na orla de garras que havia em seus antebraços (ou pernas dianteiras), curtos e possantes. Com um grito de terror, virei-me e corri aloucadamente pela trilha abaixo. Atrás de mim, a respiração espessa, arfante, daquele animal, ressoava cada vez mais alto. O baque do seu passo pesado encontrava-se ao meu lado. A todo instante, eu esperava sentir suas garras caírem sobre as minhas costas. Então, de súbito, ouviu-se outro estrondo; senti-me caindo pelo espaço abaixo, e tudo, diante de mim, passou a ser escuridão e paz. (Doyle 1987: 201)

É com cores fortes que se constrói toda a narrativa, especialmente quando se trata dos perigos enfrentados pelos membros da expedição e do heroísmo com que enfrentam cada um desses perigos que se sucedem em um ritmo frenético, indo de pássaros selvagens a pterodáctilos a penhascos sem cessar, o leitor não consegue respirar em meio a tantos desafios vividos pelo grupo. Junto com isso vem a lembrança de que aquilo que estão fazendo é valioso para a humanidade: “Refleti, enquanto caminhava, que poucos homens, no mundo todo, poderiam ter passado uma noite mais estranha do que aquela, ou acrescentado uma novidade mais importante ao conhecimento humano, no seu decorrer” (Doyle 1987: 198).

A exuberância da natureza, assim como aparece no relato dos cronistas da Amazônia, também aparece no relato do jornalista Malone, como em:

Terra de contos de fadas é o que aquilo era – a mais maravilhosa que a imaginação do homem poderia conceber. A vegetação densa encontrava-se por cima, formando uma pérgula natural; pelo túnel de verdura assim feito, numa atmosfera de dilúculo dourado, fluía o rio, verde e transparente, lindo em si mesmo, mas tornado ainda mais maravilhoso devido aos estranhos matizes projetados pela luz vívida, que vinha de cima, filtrada e amaciada em seu percurso. Claro como cristal, imóvel como uma lâmina de vidro, verde como a aresta de um iceberg, o rio estendia-se à nossa frente, por baixo da sua arcada de folhas; e cada golpe de nossos remos fazia correr milhares de pequenas ondas através de sua superfície rutilante. (Doyle 1987: 109)

Assim, a obra de Doyle revela todos os clichês que foram se multiplicando sobre a Amazônia – suas belezas e seus perigos – e é a partir daí, construindo uma espécie de contra-discurso ao olhar estrangeiro sobre esta terra, que Márcio Souza passa a narrar *O Fim do Terceiro Mundo*. O diálogo entre os dois romances pressupõe a ideia de intertextualidade, que é aqui entendida conforme Kristeva (1969: 115) como “Cruzamento num texto de enunciados tomados de outros textos”.

É ainda Kristeva (1969) quem afirma que todo texto se revela junção de vários textos, seja uma relação de releitura, acentuação, condensação, deslocamento, profundidade. No caso do diálogo entre romances aqui abordado é clara a referência ao texto de Doyle, é explicitada pelo narrador já no início do romance, atitude que

se mostra diretamente relacionada ao caráter metaficcional que a narrativa adquire. São dadas pistas ao leitor, mas, ao mesmo tempo, é feito um jogo com ele que vai aos poucos e simultaneamente acreditando e desconfiando destas pistas.

Assim, a ligação com a obra do popular escritor inglês se faz principalmente a partir da protagonista do romance do escritor amazonense, Jane Challenger é neta do professor Challenger, explorador da Amazônia e seu pai também havia estado em Manaus. Jane, ao passar um fim de semana em Manaus, encontra ali um homem que conheceu seu pai em sua passagem pela Amazônia, este homem lhe entrega alguns documentos, no entanto, Jane é drogada e perde alguns dos papéis que lhe haviam sido entregues.

Jane é a porta-voz da visão do europeu sobre a Amazônia que, para ela, se resume a dois aspectos: mato e calor,

Eu não sabia o que responder. Era uma situação realmente inesperada encontrar alguém que estudara em Eaton e vivia no mato. Voltei a olhar a piscina, o bar deserto e a selva domesticada em forma de parque que nos circundava. Alguns lampiões insinuavam suas pálidas claridades na escuridão da mata. Ruídos de grilos, o concerto de insetos que faz parte de toda imagem dos trópicos. A selva. (Souza 2007: 87-8)

A partir da estada de Jane em Manaus temos também as percepções daqueles que a rodeiam, principalmente em seu ambiente de trabalho, sobre a Amazônia:

- Ela esteve em algum lugar do Terceiro Mundo – disse, observando cuidadosamente as reações de Lester com um olhar oblíquo. – Fosse outra pessoa, eu diria que o sol dos trópicos lhe fez mal, ou a água, ou foi atacada por alguma virose exótica.

- Como assim?

- Ela regressou meio estranha, se recusando a dizer onde esteve exatamente. Deve ser mal de família – insinuou Hayne. – Primeiro o avô, depois o pai, agora a filha. Que herança!

- Ela esteve na América do Sul, é o que eu soube.

- Sim, mas em que lugar? Aquilo lá é um imenso território fumegante.

- E não há nada de mau em ir à América do Sul.

Hayne franziu os lábios numa expressão de dúvida.

- Talvez – redarguiu lentamente, desejando provocar. Ela sabia das simpatias de Lester por aquelas terras distantes e trágicas. – Não haveria nada de mau se nossa impetuosa ruiva regressasse dizendo ter encontrado por lá coisas inacreditáveis. (Souza 2007: 58-9)

A ida de Jane para Manaus mobiliza todo o imaginário que os ingleses tinham sobre aquele local e também o histórico familiar de Jane, haja vista que seus antepassados não passaram incólumes pela Amazônia, suas jornadas haviam deixado marcas

na família. Nota-se, ainda, que ao falar do local, já se pensa logo em aventuras, experiências extraordinárias, o que representa uma parte das crenças sobre a Amazônia e é o que de fato acontecerá com Jane. A narrativa ficcional não decepcionaria os colegas ingleses de Jane, haja vista que a ruiva passa por inúmeras aventuras, tem algumas visões, entra em contato com o fantasioso, com o sobrenatural, tudo isso ocorre na primeira parte do romance, que, em parte, é narrada por Jane Challenger.

2 DA ESCRITA FICCIONAL

Na segunda parte, o narrador e o autor se entrelaçam e conseguimos perceber alguns vislumbres da vida de Márcio Souza, especificamente no que se refere ao escritor; neste ponto, a narrativa adquire um tom autoficcional (Robin 1997):

No final dos anos 60, eu estudei Ciências Sociais na Universidade de São Paulo. [...] Eu, que vinha do Amazonas, onde ninguém ousa aventurar-se para além da indiferença do funcionário público, mergulhei naquela perspectiva que só a modernidade de São Paulo poderia oferecer. Assim, ao me tornar um romancista, não abandonei o instrumental adquirido ali, o que me faz buscar sempre, antes da fantasia, o respaldo da investigação. (Souza 2007: 106-7)

Esta parte se inicia com um grupo de escritores brasileiros num cenário curioso – a Prússia, dentre eles João Ubaldo Ribeiro, Lygia Fagundes Telles, Ignácio de Loyola Brandão, Haroldo de Campos e o autor-narrador Márcio Souza. Para ler este cenário trazemos o pensamento de Doubrovski (2007) que trata da autoficção como uma ficção identitária, no sentido de que podem ser trazidos elementos do universo real, no caso em estudo os nomes dos escritores, atuação, formação acadêmica, mas não há um compromisso com a verdade. O entendimento de Ouellete-Michalska (2006) vai pelo mesmo caminho, advertindo que autoficção é primeiramente ficção.

Na obra de Márcio Souza a ficção criada envolvendo elementos do real favorece ainda mais o jogo com o leitor, as descobertas que este leitor vai fazendo, o envolvimento do leitor na escrita do livro por meio do recurso metaficcional. É interessante notar como o humor é empregado para tratar da categoria escritores: “estavam reunidos pelo acaso alguns escritores brasileiros. E como todo mundo sabe, os escritores só falam entre si coisas muito sérias, teorias literárias complicadíssimas e projetos extremamente intrincados. Não é uma boa ideia para os leitores viajar com os escritores, a não ser que desejem morrer de tédio” (Souza 2007: 102).

A partir da ideia do escritor, de quem é o escritor, vão surgindo algumas impressões sobre a escrita em si, a exemplo de: “Como o ato de escrever exige o isolamento, a face do leitor não paira como um fantasma perante o escritor. Para mim, por exemplo, tal coisa me levaria à inação” (Souza 2007: 105).

Em outro momento:

- O que me fascina nesse jogo é que ele não é eterno – completei -, é, do agora, realizado entre criaturas que estão mergulhadas numa mesma contingência. Digo isto para mostrar a minha escolha: sou um escritor que não quer olhar para a eternidade, que prefere ser contemporâneo de seus contemporâneos. Além do mais, acho muito excitante o tête-à-tête com meus leitores de hoje do que pretender falar com os leitores que se escondem nas sombras do futuro. (Souza 2007: 104)

A segunda parte de *O fim do terceiro mundo* é aquela em que mais evidente se mostra o caráter metaficcional. Ali passamos a compreender como é vista a obra de arte, como é o trabalho do escritor, como é vivida a escrita de um romance. No entanto, ao longo da leitura descobrimos que todo o livro nos conta o processo de escrita de um livro, desde seu impulso inicial, o contato com as personagens, a dominação que as personagens, uma vez criadas, exercem sobre a vida do escritor e, por fim, os elementos externos ao romance, que povoam a mente do escritor e passam a integrar a narrativa ficcional.

Jakobson (1997) fala em dois níveis de linguagem, a linguagem-objeto, que trata de objetos e a metalinguagem, que se refere à própria linguagem. Seguindo a linha pioneiramente delineada por Jakobson entendemos a metaficção como sendo a ficção voltada para si mesma que neste criar, neste exercício, desvenda elementos e estratégias do processo narrativo e, ao fazê-lo, os partilha com o leitor.

Vale dizer que ao envolver o leitor nas malhas da criação literária, isto não ocorre de forma neutra, mas traz dúvidas e inquietações. No caso da metaficção, um ponto importante reside na fronteira entre ficção e realidade, que se mostra diluída e problemática, e também no próprio conceito de autor que, na obra em análise, desnuda o artifício do narrador e, em algumas partes do romance, apresenta-o como autor-narrador, e isso exige também do leitor, que não pode se portar como leitor ingênuo (Eco 1994), mas necessita de habilidades para transitar e desvendar as camadas do texto: “A intertextualidade exige um leitor [...] que saiba mobilizar seus conhecimentos no momento oportuno e na ordem adequada” (Samoyault 2008: 115).

Na viagem de trem, o narrador encontra Jane Challenger, a vê, conversa com ela, é como se sua personagem tomasse forma e viajasse com ele: “Escrever é paranoia!” (Souza 2007: 117). O narrador é entrevistado pela jornalista Virginia Challenger, uma repórter da BBC, e a personagem criada para o romance que se desenvolve na terceira parte, é Jane Challenger e é no contato com Virginia, nas respostas que lhe dá, na arguições que ela faz que o próprio romance vai ganhando corpo sem que, nem sempre, o autor se dê conta disto:

- Agora eu sei o que é o isolamento amazônico – ela me disse. – Isto aqui não é lugar para os humanos, mas para os deuses.

Ela tinha razão, aquela é uma terra para os deuses. Talvez ela soubesse que a outra Challenger, a do romance, também chegaria à mesma conclusão. Apenas eu ainda não tinha me dado conta de tal coincidência. (Souza 2007: 121)

Vale dizer que Virginia Challenger e Jane Challenger se mesclam e, embora cada uma viva em uma dimensão do romance, veiculam todos os pré-conceitos sobre o Brasil e, mais especificamente, sobre a Amazônia.

Com relação ao jogo que Souza (2007) constrói em *O Fim do Terceiro Mundo*, é oportuna a discussão proposta por Ricouer (1991: 189):

Que é feito, antes de tudo, da relação entre autor, narrador e personagem, cujos papéis e discursos são bem distintos no plano da ficção? Quando me exprimo nos termos de uma narrativa de vida, sou ao mesmo tempo os três como na narrativa autobiográfica? Narrador e personagem, provavelmente, mas de uma vida da qual, diferentemente dos seres da ficção, eu não sou o autor mas no máximo, segundo a palavra de Aristóteles, o co-autor, o *sunaition*. Porém, considerando essa reserva, a noção de autor não sofre de equivocidade quando se passa da escritura à vida?

Na narrativa aqui discutida, a exemplo do que propõe Ricouer, são desestabilizadas as noções de autor, narrador e personagem; há um trânsito entre eles e isto contribui para a construção e ampliação dos sentidos.

3 DA AMAZÔNIA ROMANTIZADA À AMAZÔNIA MODERNIZADA

Jane, a personagem construída pelo escritor que vive dentro do romance, consegue, em seu discurso, fazer uma leitura crítica daquela realidade que vinha experienciando. A exemplo da seguinte passagem:

- Eu conheço outros países do Terceiro Mundo – disse Jane –, em todos há uma espécie de contradição entre o moderno dos projetos dos economistas e a realidade cotidiana. Aqui, como nos outros, a modernidade acaba sendo um abismo que separa a maioria da minoria, embora eu jamais tenha visto um abismo tão vasto e tão bem cultivado quanto o brasileiro. De um lado, os mortos de fome, os negros e escuros das favelas, que nem como mão-de-obra são aproveitados. Estes estão presos para sempre à cultura do estômago. Do outro lado, os que lucram e uma minoria de auto-iludidos. Estes são os senhores, os que comem regularmente, os alfabetizados, eu presumo; os consumidores. No meio, rompendo o asfalto, o abismo cada dia mais largo, intransponível. (Souza 2007: 134)

Percebe-se, no discurso de Jane, uma crítica acentuada às desigualdades sociais, especificamente no Brasil em que, segundo a personagem, elas se agigantam, pois

ao lado dos modernos projetos dos economistas, assustam as condições em que vive a maior parte da população. Nesse sentido, oportuna a reflexão de Heidegger (1969) quando questiona o desenvolvimento tecnológico, a ideia de progresso, indagando para quem se destina o referido progresso, qual a real finalidade dos grandes projetos econômicos. Em outro momento do romance, essa percepção fica evidente: “As barragens das hidrelétricas não afogaram apenas os bichos, cobriram para sempre os mitos e assim instauraram o paradoxo. Quanto maior a sede de produção, maior a degradação. Quanto maior a riqueza arrancada do solo, pior a condição do homem” (Souza 2007: 34).

Nesse fragmento é explorada a questão daquilo que se perde sob o verniz do progresso, do desenvolvimento. Desaparecem espécies animais, mitos, crenças e a degradação tende a ser maior quanto maior é a extensão do projeto. O paradoxo mencionado no texto literário se estende, também, às questões identitárias, a exemplo de: “Mas talvez esta questão de ter uma identidade não seja realmente tão importante, ou, por outro lado, a tal identidade amazônica seja justamente a fragmentação. Um paradoxo!” (Souza 2007: 141).

Nota-se que, após tantos projetos de incremento de população, modernização e desenvolvimento da Amazônia, valores e concepções foram sendo perdidos ao longo do percurso que culmina na instituição da Zona Franca de Manaus, também objeto de crítica no romance em estudo. Assim, não há mais como pensar uma identidade amazônica, uma vez que a fragmentação, de que trata Hall (1998), se instala em meio àqueles indivíduos.

Importante ressaltar, neste ponto, que a obra *O fim do terceiro mundo* apresenta caráter fragmentário; ou seja, as partes do romance se relacionam, mas são bem diferentes entre si. A terceira parte do romance, intitulada “Animais Ameaçados” gira em torno do brasileiro Danilo Ariel Duarte, de uma família de visigodos que fizeram fortuna com o látex em Manaus. O episódio da morte da referida personagem envolve mistério, investigação, terrorismo e lembra as histórias de Conan Doyle. Há muitas referências que fazem pensar a ficção de Doyle, assim como há menções diretas ao romance *O mundo perdido*, como em: “Embora fosse uma provocação, o escritor mostrava-se agora mais tranquilo. Achava que o motorista não deixava de ter razão, romances no século XX não deixam de ter algo a ver com paleontologia, a mesma absurda paleontologia cheia de esperança cultivada pelo professor Challenger, digamos” (Souza 2007: 112).

As aventuras dos jornalistas ingleses Lester e Jane em Manaus, os contatos que vão fazendo e as histórias que vão recolhendo desnudam a situação do indígena sem tribo, sem espaço, sem identidade, no entrelugar a ele destinado por não poder mais viver com os seus nem poder viver como branco. A fala do indígena é reveladora:

- Vocês são da mesma tribo? – quis saber Jane.
- Não exatamente – disse a mulher. – Talvez sejamos da maior tribo que existe por aqui, a dos que não têm mais tribo.
- Mas viemos de muitos lugares diferentes.

- Mas por quê? Tinham problemas onde estavam? – perguntou Jane.
- Por todos os motivos. Alguns tinham problemas de terras, posseiros invadindo, garimpeiros. Outros porque faltava comida, ou estavam doentes e queriam se tratar com os brasileiros. Até mesmo porque queriam correr o mundo, conhecer outras terras. (Souza 2007: 199-200)

É construída uma imagem do indígena desterritorializado, com crises de identidade, e vendo aos poucos se ausentar a sensação de pertencimento em troca da flutuação, do não pertencer a uma tribo, do não ter um lugar para o qual voltar.

A personagem que revela todas essas questões é Henry, o mordomo, levado para a Inglaterra pelo velho Challenger, possui uma identidade instável e fragmentada e vivencia uma espécie de negação de suas raízes:

Mas Henry sempre dera pouca importância à sua história, na verdade detestava tudo o que se relacionava com família, índios e selva tropical. Para todos os efeitos, sentia-se um londrino, conseguira esconder tão bem de si mesmo suas origens, que, ao se olhar no espelho, não via o índio que do outro lado o observava diariamente. Como a imaginação livresca dos ingleses brancos viam nele um oriental, um malaio, era com essa imagem de mistério que gostava de se divertir de vez em quando. Mas só de vez em quando (Souza 2007: 260).

O elemento metaficcional vai sendo apresentado a cada parte de *O fim do terceiro mundo*. A primeira parte ilustra o momento da provocação, da ideia inicial para a escrita do romance – a conversa com o jornalista e, a partir daí, a promessa de escrever a continuação de *O mundo perdido*, de Conan Doyle. A segunda parte revela o amadurecimento da ideia, a construção e o convívio com as personagens. A terceira parte representaria o romance em si, protagonizado por Jane Challenger, neta do pesquisador Challenger do livro de Doyle. A quarta parte retrata um congresso sobre literatura latino-americana, o que representa um momento posterior à escrita, ou seja, a recepção da obra literária pela crítica. Na quinta parte é apresentada pelo narrador/autor uma espécie de síntese de todo o percurso, o leitor é convocado a juntar-se a ele na reflexão: “Ah! leitores. Em que enrascada acabei por me meter, apenas para não contrariar uma matéria de jornal. Sim, eu sei que não é hora para arrependimentos, porque até mesmo as mentiras devem ter o seu arremate. E o que é um romance, se não a mentira bem arrematada” (Souza 2007: 333).

A condição do escritor também é pensada por meio do narrador da segunda parte e do autor chileno Sender, da terceira e quinta partes. Há em comum entre os dois a irritação que sentem quando alguém lhes pergunta o que estão escrevendo e pessoas que se aproximam contando histórias na intenção de que inspirem o escritor a escrevê-las e publicá-las.

O final do romance traz uma série de reflexões sobre o mercado do romance, narrativas que são consideradas menores, o que é considerado alta literatura e toda esta reflexão conduz o olhar para a Amazônia e para a exploração de uma imagem estereotipada daquele cenário no sentido de ampliar as vendas de romances de aventura.

Os elementos clássicos do imaginário amazônico são trazidos na terceira parte: as gêmeas icamiabas, a muiraquitã como amuleto, as vertigens e visões, os chás alucinógenos, os rituais, enfim, uma combinação de eventos que contribui mais uma vez para a crítica àquilo que se pensa, que é difundido sobre a Amazônia, todos os lugares-comuns sobre a região.

Tal crítica fica mais evidente quando é assumido no romance um tom de denúncia com relação à exploração da Amazônia, mais explícita na construção de hidrelétricas, nos jogos de poder. Tal denúncia é feita pelas personagens que representam os locais, ou seja, os indígenas, os ribeirinhos, o caboclo amazônico. É discutida a legitimidade, quem pode falar pela Amazônia? E, neste ponto, são criticadas as figuras públicas que vão até lá para vender um discurso ecológico. Como expresso em:

Nós morremos de vergonha quando vemos uma bonita atriz de televisão declarar que bebeu uns copos de “cipó-d’água” e, zás, virou ecológica e defende a Amazônia. Outro dia, um desses míticos renascidos declarou-se, após visitar a região, surpreendido por uma tal de “energia que rola nas matas”. Eu fiquei sabendo da declaração e pensei com meus botões: que diabo ele quer dizer com esse negócio de energia que rola na mata? Porque eu já andei um bocado pela mata e, com o calor que faz durante o dia, a única coisa que vi com energia, e não exatamente rolando, mas voando e rastejando, foram os milhões de insetos que infestam a selva (Souza 2007: 157).

Aqui temos uma espécie de manifesto contra esse discurso romantizado da Amazônia. Ao longo do texto é apresentada uma Amazônia real, diferente do retrato feito pela ficção em diversos momentos da história da literatura.

Na quarta parte do romance, o narrador está nos Estados Unidos para um evento literário sobre a América Latina, ao que a própria concepção de América Latina é problematizada, como em: “Mas eu não devia me surpreender com isso, porque o rótulo de latino-americano arrasta não apenas os preconceitos, mas legitima o desconforto de ser elite de um mundo perdido que precisa seguir isolado para que essa mesma elite não desapareça” (Souza 2007: 290).

Recorre-se, uma vez mais, à metáfora do mundo perdido para discutir rótulos e o papel do intelectual nesse cenário. Ao longo de toda a narrativa é criticada a militância vazia, reforçada na quarta parte, no seminário de literatura.

Na quinta e última parte da obra temos um destaque dado à personagem Juan Sender que estava reescrevendo sua obra intitulada *Kassov* que envolvia, em meio à narrativa ficcional, elementos de crítica literária. Neste momento, o romance parece veicular uma crítica à crítica literária tal como é feita no meio acadêmico, textos prolixos, excesso de termos técnicos e ausência do encantamento de que consta o texto literário em tais análises. A passagem a seguir é construída em tom de ironia e veicula a crítica à crítica referida acima:

O mais extraordinário dos trabalhos produzidos nesse período é o ensaio “Pulsões recalçadas em Dostoievski”, onde aparece pela primeira vez a teoria das perpendiculares. Neste ensaio, Kassov traça linhas perpendiculares, ou cortes hipo-estruturais, cruzando os acessos místicos das personagens dostoievskianas com a epilepsia do autor e com as crises do feudalismo russo e da religião ortodoxa, sem esquecer a grande crise da vodca de 1867, como “ecos” (ekoos) intrapessoais das pulsações recalçadas que iriam gerar a revolução de 1917. (Souza 2007: 327).

Ainda sobre o tema, é feita uma crítica aos modelos, às expectativas, aos moldes que reúnem o romance russo como uma categoria, o romance latino-americano como outra, desconsiderando a diversidade de vivências e cenários e, ainda, as características específicas de que devem constar romances para atenderem aqueles que esperam uma certa forma de discurso determinada a partir do local em que o livro é produzido:

O problema é que não parece um romance latino-americano, repetia o editor a cada memorando, forma que encontrara para dialogar com Sender. Onde estão as borboletas amarelas, os crimes de honra, os camponeses de roupa branca e as cenas de vigorosos embates sexuais entre rudes fazendeiros e frágeis senhorinhas de vestidos rendados? (Souza 2007: 330).

Voltando a Manaus, pessoas de todas as partes do mundo se reúnem ali em uma viagem na embarcação de nome *Leviatã* para discutir a exploração econômica da Amazônia, repetindo o que já havia acontecido em 1966, no navio *Rosa da Fonseca*.

A mesma situação reproduzida em dois momentos históricos diferentes faz pensar que a Amazônia ali ficcionalizada é uma outra, não mais a Amazônia das aventuras na floresta, mas a Amazônia explorada, loteada, rasgada de estradas que a abriam para o progresso.

E, na nova viagem, o projeto de construção de uma hidrelétrica no rio Amazonas sinaliza o fim do 3º mundo, na visão de Petra Junior, uma vez que todo o clima da terra seria modificado, sendo glacial ou temperado. O clima tropical da região amazônica desapareceria e, aí, vemos mais uma evidência do discurso sobre a Amazônia, a relação entre o calor e a indolência: “O fim das miseráveis civilizações subdesenvolvidas que sobrevivem graças ao calor tropical. Com o clima frio, a negrada vai ter de trabalhar para comprar agasalho, combustível para o aquecimento. Adeus ao ócio das favelas, com os vagabundos o ano inteiro de calção e de sapato de pano” (Souza 2007: 343).

A solução parece mágica, como todos os grandes projetos desenvolvimentistas, constrói-se uma hidrelétrica no rio Amazonas, gerando energia e, além disso, muda-se o clima, acabando com a preguiça provocada pelo calor dos trópicos.

No *Leviatã*, uma sequência de eventos que envolve alucinações, a presença de Karl Marx em meio às alucinações, o navio sendo dominado pelo grupo terrorista

dos Jihad Jívaros, os debates acalorados, o medo, e, ao final, o gás do riso mexe com todos os presentes e constrói uma metáfora sobre como terminam as discussões em torno de temas como preservação de dado local versus desenvolvimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em *O Fim do Terceiro Mundo*, Márcio Souza retoma elementos do discurso fantasioso sobre a Amazônia e constrói, no âmbito da ficção, um contra-discurso que sinaliza para os problemas mais atuais derivados dos projetos desenvolvimentistas que marcam a história da região.

Pelo caminho da metaficção, o leitor é convidado a pensar o romance, os caminhos da escrita, desde a provocação para a escrita de um romance, as ideias iniciais, até a idealização e forma final das personagens, suas ações e seus sentidos. Ao lado da Muiraquitã e das Icamiabas, elementos do imaginário amazônico, estão as hidrelétricas e a destruição em nome do progresso.

OBRAS CITADAS

ECO, Umberto. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

DOUBROVSKY, Serge. Les points sur les i. IN: JEANELLE, Jean-Louis & VIOLETT, Catherine (Org.). *Genèse et autofiction*. Belgique: Bruylant-Academia, 2007. p. 53-65.

DOYLE, Conan. *O mundo perdido*. São Paulo: Scipione, 1987.

GONDIM, Neide. *A invenção da Amazônia*. 2 ed. Manaus: Valer, 2009.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HEIDEGGER, Martin. *The question concerning technology and other essays*. New York: Harper, 1969.

JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1977.

KRISTEVA, Julia. *Seméiotike: recherches por une sémanalyse*. Paris: Seuil, 1969.

QUELETTE-MICHALSKA, Madeleine. *Autofiction et dévoilement de soi*. Montréal: XYZ, 2006.

PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru: EDUSC, 1999.

RICOUER, Paul. *O si-mesmo como um outro*. Campinas: Papyrus, 1991.

ROBIN, Régine. *Le Golem de l'écriture*. De l'autofiction au Cybersoi. Montréal: XYZ, 1997.

SAMOYAULT, Tiphaine. *A intertextualidade*. São Paulo: Aderaldo e Rotschild, 2008.

SOUZA, Márcio. *O fim do terceiro mundo*. 7 ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

FROM CONAN TO MÁRCIO SOUZA: FICTIONALIZING THE AMAZON IN *THE LOST WORLD* AND *THE LOST WORLD II: THE END OF THE THIRD WORLD*

ABSTRACT: *Lost world II: the end of the third world*, by Márcio Souza, creates a metafictional environment that shows the Amazon and her apparition on literature. The author explains that in an interview he talks about write the continuation of *The lost world*, by Conan Doyle, so he must write the book. In the narrative, beyond the fictional element, the reader can realize reflections about writing, characters, plot, intertextuality.

KEYWORDS: *The lost world*; *Lost world II: the end of the third world*; Metafiction; Intertextuality.

Recebido em 06 de agosto de 2015; aprovado em 30 de novembro de 2015.